

Avaliação e suas funções pedagógicas no processo de ensino- aprendizagem musical

Comunicação

*Kadja Marluan da Silva Nascimento
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
kadjamarluan@hotmail.com*

*Tamar Genz Gaulke
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
tamargenzgaulke@gmail.com*

Resumo: Este artigo é um recorte de uma dissertação de Mestrado que teve como tema central a avaliação em música e, como objetivo geral, compreender concepções e práticas avaliativas em Educação Musical de professores da Educação Básica da Região Metropolitana da cidade do Natal/RN. Os paradigmas conceituais sobre avaliação da aprendizagem de Luckesi, Swanwick e Borne, bem como a proposta de grupo focal encontrada em Backs, Souza e Gatti para coleta de dados são exemplos do referencial teórico-metodológico. A seção escolhida para fazer parte deste recorte tem como objetivo sinalizar a importância de reconhecer a avaliação com uma função reguladora, na qual subsidia o processo de ensino-aprendizagem, considerando aspectos de todos os agentes envolvidos nesse processo, a partir das perspectivas narradas pelos professores.

Palavras-chave: Avaliação; Ensino-aprendizagem; Educação Básica; Música.

A importância da avaliação na Educação Musical

A prática formal da avaliação, especificamente no contexto escolar, significa analisar e investigar a aprendizagem dos alunos e o ensino por meio dos resultados obtidos em testes regulares durante o ano letivo, objetivando, assim, que as tomadas de decisões sejam em prol da melhoria do processo de ensino-aprendizagem na medida em que se valida à relevância do momento da avaliação dos estudantes.

Nessa perspectiva, a avaliação se torna um objeto de estudo imprescindível para a Educação Musical, permitindo ao professor a sondagem da aprendizagem dos alunos, uma vez que se configura como um meio de adquirir e conferir evidências concretas para o progresso da aprendizagem. A respeito disso, é válido ressaltar que, por meio desse

procedimento, pode-se realizar uma análise e organizar o processo de aprendizagem, buscando um bom caminho para um novo momento de apreensão do conhecimento.

Assim, este recorte tem como objetivo, através das análises de narrações de professores atuantes na educação básica da Região Metropolitana de Natal, apresentar a importância de reconhecer a avaliação como uma função reguladora, na qual subsidia o processo de ensino-aprendizagem, considerando aspectos de todos os agentes envolvidos.

Caminhos metodológicos

A pesquisa se enquadrou na abordagem qualitativa, pois ela permite uma maior compreensão do problema estudado e possibilita o entendimento do fenômeno, sem deixar de lado os elementos que o envolvem, reforçando seu caráter exploratório e subjetivo. Para a coleta de dados foi realizado o acompanhamento de um grupo focal (BACKES et al, 2011; GATTI, 2005; SOUZA, 2020).

De acordo com Backes et al (2011, p. 438), “o grupo focal representa uma técnica de coleta de dados que, a partir da interação grupal, promove uma ampla problematização sobre um tema ou foco específico”.

Destarte, o ambiente proporcionado pelo grupo focal permite um reconhecimento de potencialidades valiosas através da interação, possibilitando ao sujeito um encontro com experiências diferentes da sua. Nele é possível confrontar perspectivas e opiniões que podem ajudá-lo e/ou confirmar suas concepções acerca do tema em questão, além de “permitir fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de manifestar” (GATTI, 2005, p.9).

O Grupo Focal desta pesquisa foi composto por seis professores, atuantes na rede pública e privada da Educação Básica da Região Metropolitana de Natal. O grupo focal, proposta metodológica desta investigação, contou com cinco encontros *on-line*, através da plataforma *Zoom Meet*, com os professores. A escolha da quantidade dos encontros está baseada em Gatti (2005): “[...] o número de sessões a serem realizadas dependem da natureza do problema em pauta, do estilo de funcionamento que o grupo construirá e da avaliação do pesquisador sobre a suficiência da discussão quanto aos seus objetivos” (p.28).

Dentre os cinco encontros ocorridos, os dois primeiros foram direcionados por perguntas que nortearam as discussões. As perguntas foram agrupadas por temas para que as conversas tivessem um movimento de afunilamento. Para este recorte, foram utilizadas duas perguntas e elas serão apresentadas na próxima seção.

Avaliação e funções pedagógicas

Uma das funções pedagógicas da avaliação relaciona-se com o dever em servir à aprendizagem dos alunos (BORNE; RUEDA-BELTRÁN, 2017); (LUCKESI, 2011). Vincular a avaliação apenas a números e medidas desconstrói a visão de metodologias utilizadas para fortalecer o processo de ensino-aprendizagem. Para a construção, análise e reflexão desta categoria foram considerados dois questionamentos realizados no primeiro encontro do grupo:

Na prática do professor, a avaliação se organiza como uma ação didática que deve acompanhar o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, para você, qual seria uma das importantes funções pedagógicas da avaliação?

Para o professor Flávio, a avaliação já pode ser vista dentro das habilidades trazidas pela BNCC:

[...] a avaliação é uma ferramenta didática, não só a prática de exposição em sala de aula, trabalhar atividade lúdicas, mas a avaliação faz parte desse processo didático [...] a gente sabe que a nova legislação, o novo documento da BNCC (Base Comum Curricular), e nessa base, ela traz todos os objetivos, as habilidades que os alunos devem desenvolver. Dentro desses objetivos e habilidades que eu já vejo avaliação, e como ela influencia no pedagógico porque toda avaliação tem um objetivo (Flávio, abril, 2022).

Flávio ainda relatou uma atividade avaliativa realizada por ele utilizando ferramentas tecnológicas. Através desse relato, pois, é possível compreender uma das funções pedagógicas da avaliação na concepção do professor, que estaria relacionada com a capacidade dos alunos em não perceberem o processo avaliativo como um momento distante das aulas. Além disso, ele acrescentou que acredita na avaliação como parte de um processo – talvez, referindo-se ao de ensino-aprendizagem – não apenas como um resultado final:

[...] meu objetivo principal era saber se eles tinham compreendido o conteúdo do primeiro bimestre. Avaliação tinha peso cinco, e na verdade eu utilizo esse plicker¹ não só na avaliação, mas durante as atividades. [...] então eles passaram a compreender que a tecnologia é um, que é conteúdo que trabalho com eles, a música e a tecnologia, faz parte disso. Então nessa avaliação que fiz com eles, nem viram como avaliação, viram como uma parte da aula. Ah não é uma prova, é uma aula [...]. Esse tipo de avaliação mais lúdica ela não faz parte do resultado do final, mas do processo de construção desse conhecimento [...]. Eu vejo a avaliação como um instrumento pedagógico, didático e não apenas como um resultado final, mas como um processo (Flávio, abril, 2022).

Ao observar o trecho em destaque, na fala do professor, há uma ressignificação do modelo tradicional de avaliação – escrita e objetiva –, em que o lúdico, de certo modo, recria o ato de avaliar por meio de ferramentas digitais – TIC's –, conduzindo os alunos a não perceberem/entenderem aquele momento como avaliativo.

Francisco, desse modo, reafirma a concepção que o colega anterior demonstra em sua fala, ao dizer que “[...] a avaliação é processual, no sentido que ela precisa acontecer diariamente, [...] ela precisa acontecer em todas as aulas” (Francisco, abril, 2022). Para ele, a avaliação não é apenas um valor numérico: o olhar atento do professor para com a aprendizagem do aluno gera uma avaliação. Todavia, a prática da avaliação processual deve ser cautelosa, visto que, se os resultados de aprendizagens não forem compartilhados com os alunos e/ou comunidade escolar, o professor torna-se detentor de todo o processo.

Maria, por sua vez, compartilha da mesma concepção dos colegas ao entender a avaliação com função processual:

avaliação é realmente processual, tanto para avaliar os alunos, como o nosso conteúdo e como nós estamos aplicando esse conteúdo, porque quando a gente planeja a aula, imaginamos que ela vai chegar de um jeito para os alunos, mas nessa avaliação processual temos a oportunidade de compreender se está dando certa essa forma de aplicar, se essa avaliação ela se refere aos nossos alunos ou a nossa prática, a nossa didática, como nós estamos passando esse conteúdo (Maria, abril, 2022).

A fala de Maria traz um ponto bem relevante ao tratar o processo avaliativo não relacionado apenas aos resultados dos alunos, mas, para, além disso, como uma forma de analisar a prática do professor. As diretrizes oferecem à escola e professores o currículo

¹ O plicker é uma plataforma desenvolvida para a aplicação de atividades/testes.

para ser planejado. Tal planejamento deve tentar promover a almejada apropriação das habilidades e competências idealizadas para determinado período educacional, fazendo com que a avaliação seja uma ferramenta para verificar se a aprendizagem ocorreu em diversos âmbitos. Logo, os resultados obtidos com o processo avaliativo não se referem apenas ao aluno.

Por vezes, a didática utilizada não alcança a forma que o aluno precisa para aprender. Então, os professores precisam ser coerentes e sensatos para reconhecer que podem ter errado na abordagem de um assunto e que esse erro pode ser visto nos resultados das avaliações. Cruz (2012) alerta: “[...] as linguagens, as abordagens, e até mesmo o sistema de ensino é que devem se adequar às necessidades do aluno, para que o processo de ensino e aprendizagem tenha sucesso”.

Para João, que teve contato com alguns materiais bibliográficos em algum período da sua formação, a avaliação possui três funções pedagógicas: diagnóstica, somativa e formativa. O professor dividiu com o grupo a sua concepção acerca dos tipos de avaliação:

[...] a minha relação com a ideia de avaliação eu acabo seguindo em três tipos: a diagnóstica, formativa e somativa. A avaliação somativa é essa que tanto se discute, que ela tem sua importância social, pelo menos na sociedade que a gente vive, mas a gente tem outros percursos da avaliação. Tem essa parte de diagnosticar, de conhecer, de identificar coisas relacionadas aos alunos, e outra mais ligada ao processo, que é a formativa. Então assim a gente tá basicamente a todo o momento avaliando [...] (João, abril, 2022).

Vê-se, pois, que é importante os professores conhecerem esses tipos de avaliações e a função que elas exercem no processo de ensino-aprendizagem nas escolas. Cada uma possui características próprias. Ao reconhecer tais características, o professor saberá em qual momento a aplicação dessas serão adequada. Elas precisam ter sentidos e finalidades pedagógicas. Conforme alguns autores, como Luckesi (2011), a avaliação tem três formas básicas definidas, assim como o professor relatou. Duarte (2015) as definiu da seguinte forma:

[...] a função diagnóstica, que se refere ao conhecimento da realidade através da observação, diálogo e do desenvolvimento de estratégias que possibilitem a caracterização dos espaços, dos sujeitos, das condições a priori; a função formativa, caracterizada por ações avaliativas que propiciam a formação contínua e sistemática durante o processo; e a função somativa,

uma análise conclusiva, donde são somados todos os elementos constitutivos da avaliação. (DUARTE, 2015 p.55).

Dando continuidade à narrativa do João, ele acrescenta que, por vezes, os professores focam muito nas habilidades e competências com certa generalização. Para ele, também é preciso pensar em uma avaliação individual, mesmo que o grupo esteja demonstrando resultados esperados para aquele período específico. O professor acredita que se deve aprofundar com avaliações para identificar alunos que possam estar com dificuldades. Mesmo que sejam em alguns detalhes, “é algo que exige muita sensibilidade para você conseguir conhecer essas nuances do indivíduo” (João, Abril, 2022). Nesta perspectiva, a respeito de singularidades, Zabala afirma que

o conhecimento que temos sobre como se produzem as aprendizagens revela a extraordinária singularidade destes processos, de tal maneira que cada vez é mais difícil estabelecer propostas universais que vão além da constatação dessas diferenças e singularidades. O fato de que as experiências vividas constituam o valor básico de qualquer aprendizagem obriga a levar em conta a diversidade dos processos de aprendizagem. (ZABALA, 1998, p.198).

Mesmo que em algum momento o professor realize uma prática avaliativa em grupo, por exemplo, os resultados serão diferentes, os alunos possuem suas especificidades. A fala do professor João é potente, uma vez que o olhar, a observação e análise são alicerces primordiais no processo avaliativo em prol do ensino-aprendizagem coerente.

Como mencionado anteriormente, a avaliação não visa apenas à capacidade de aprendizagem do aluno, mas, além disso, a capacidade de eficiência e eficácia no trabalho do professor. Contudo, um dos maiores desafios da avaliação no ensino-aprendizagem relaciona-se com a subjetividade que se encontra nas áreas educacionais.

Muitos dos problemas encontrados nas avaliações das artes – como a questão da subjetividade ou do ajustamento dos métodos para verificar a apreensão de conteúdos e sua aplicabilidade – não é exclusividade do campo das artes e estão presentes, explicitamente ou não, em outras áreas. (FREITAS, 2018, p.7)

A reflexão de Freitas (2018) demonstra que o processo avaliativo atrelado ao ensino-aprendizagem é complexo em qualquer que seja a área. Para que essa subjetividade e/ou outros elementos não atrapalhem a relação da avaliação com o processo de ensino-aprendizagem, é necessário um olhar atento, integrador e justo. Solís (2012) reflete uma visão bem clara sobre a relação da avaliação com o processo de ensino-aprendizagem. Para ele, o principal objetivo da avaliação é gerar uma “mudança” que vise

[...] a melhoria, seja no aluno (quando ele modifica qualquer elemento de sua técnica, interpretação, habilidades de expressão oral, capacidade de raciocínio, modo de perceber o mundo), no professor (ao fazer uma pausa na maneira, questione sua práxis e ajuste o que for necessário para garantir o maior e qualidade das oportunidades de aprendizagem), ou em outras partes interessadas, como pais família e instituições, que por sua vez são beneficiários diretos do processo de avaliação. (SOLÍS, 2012, p.5).

Posteriormente, para continuar com as discussões deste recorte, foi considerado um segundo questionamento realizado no Grupo Focal.

Professor (a), o que significa dizer que “a avaliação tem uma função reguladora da aprendizagem”?

Reconhecer a avaliação como uma função reguladora da aprendizagem modifica um pensamento ainda presente na sociedade de classificação e autoritarismo construídos sobre a avaliação. A saber, Luckesi (2008) chama de “pedagogia do exame”. Miranda (2015) ainda aponta que,

Na pedagogia para o exame, predomina esse tipo de pensamento, em que a aprendizagem significativa e contextualizada fica em segundo plano. Nesse sentido, a avaliação colabora para a memorização de conteúdos e reforça valores de seletividade e competitividade, impregnados em nossa sociedade e que exercem, na educação escolar, predominantemente, o poder de excluir, de disciplinar e de impor modelos, medo e autoritarismo. (MIRANDA, 2015, p.11).

Ao tocar tal pensamento, a avaliação precisa ser direcionada a ocupar uma posição investigativa na qualidade dos resultados e ações que subsidiam o processo de ensino-aprendizagem. À vista disso, Luckesi escreve que

A avaliação da aprendizagem necessita, para cumprir o seu verdadeiro significado, assumir a função de subsidiar a construção da aprendizagem bem-sucedida. A condição necessária para que isso aconteça é que a avaliação deixe de ser utilizada como um recurso de autoridade, que decide sobre os destinos do educando, e assuma o papel de auxiliar o crescimento. (LUCKESI, 2011, p.184).

Neste sentido, João, em resposta à pergunta, relata que a avaliação como uma função reguladora ajuda o processo para o caminho que está sendo desenvolvido ao longo do ano, que “[...] não faça sentido apenas para a gente, mas que também faça sentido para o nosso aluno” (João, abril, 2022). Ainda acrescenta:

[...] a questão da avaliação ser uma parte reguladora da aprendizagem [...] como já discutimos, a avaliação está dentro do processo inteiro, então não cabe a gente ter um processo engessado, onde a gente tenha um início, meio e a gente não leve em consideração o quanto o aluno avançou. Então a gente tem que observar que avaliação está ali para que a gente não dê passos muito longos, porque a gente pode antecipar muita coisa e a gente pode causar o problema que deixará nosso aluno perdido ao longo do ano [...] (João, abril, 2022).

Notam-se preocupações na fala do professor para com todo o processo educacional: o “engessamento” da avaliação e a antecipação de conteúdo sem a verificação adequada podem causar déficits de aprendizagens nos alunos. As leis que norteiam a Educação Brasileira asseguram um ensino que desenvolva cidadãos críticos, sustentáveis e solidários, contradizendo essa prática engessada. É preciso encontrar outras formas de compreender o processo de ensino-aprendizagem e a avaliação como auxiliares do desenvolvimento global dos alunos, evitando engessamentos e saltos nas etapas educacionais.

A concepção de Flávio, por conseguinte, sobre a função reguladora da avaliação na aprendizagem, relaciona-se com a avaliação diagnóstica: “eu vejo avaliação no sentido regulatório desse processo, eu vejo dessa forma como uma questão diagnóstica e que a gente possa direcionar os próximos conteúdos a partir dessa avaliação” (Flávio, abril, 2022). Para Flávio, a

função reguladora interligada com a avaliação diagnóstica seria a possibilidade de identificar o conhecimento prévio dos alunos e agir sobre ele, traçando caminhos que sejam adequados à turma.

[...] Cada turma é relativa, então assim, essa avaliação diagnóstica é importante para a gente conhecer e entender a turma. Ela é ao mesmo tempo uma avaliação regulatória, porque a partir daí vai direcionar as próximas atividades no nível de avaliação. Como eu vou trabalhar a afinação com meus alunos, mas se eles nem sabem o que é nota musical? [...] (Flávio, abril, 2022).

Percebe-se que o professor reconhece as singularidades das turmas e que devem ser consideradas no processo avaliativo. Para o professor Flávio, a avaliação como uma função reguladora direciona os níveis dos alunos e o que se pode aplicar em conteúdos/práticas para cada um deles.

França (2014) argumenta que para identificar o grau de desenvolvimento dos alunos é necessário explorar níveis de complexidade diferentes. A avaliação como função reguladora auxilia bastante para que essa prática que a autora reflete aconteça, regulando através dos resultados avaliativos quais elementos podem ser trabalhados com os alunos. Ela ainda acrescenta que

O aprendizado é um processo contínuo e não uma mágica que ocorre em períodos de tempo que se encaixam em semestres ou anos escolares. O sentido do diagnóstico é reconhecer a individualidade da criança, respeitar seu tempo de amadurecimento e fazer valer o direito de todos ao desenvolvimento pleno – medida que também não é genérica, mas individual. (FRANÇA, 2014, p.102).

Em sua função reguladora, a avaliação gerencia o fluxo dos objetivos determinados no planejamento para que nada seja atropelado, ou seja, não é interessante exigir do aluno uma competência se ele ainda não alcançou uma habilidade específica para isso. A avaliação verifica se os alunos podem seguir para outra etapa da aprendizagem, o que é uma forma de regular. Nós, professores, em algumas vezes, somos um pouco relutantes em perceber que o aluno deve ser o centro da aprendizagem e devemos estar dispostos a modificar toda a estrutura criada por nós para atender as necessidades do aluno, como reflete Paulo Freire (2013) na Pedagogia do Oprimido, afirmando que a educação para ser libertadora, também,

deve ser um ato de humildade, na qual os professores precisam estar dispostos a aprenderem com seus alunos (FREIRE, 2013). A função reguladora da avaliação também ajuda nesse sentido, saber o momento certo para dar os passos no desenvolvimento das aprendizagens.

Considerações finais

Reconhecer a avaliação como uma função reguladora da aprendizagem não é uma tarefa fácil. Para isso, exige reflexões das nossas práticas educativas, enquanto professores que buscam atender e entender as necessidades do processo de ensino-aprendizagem. Com as narrativas apresentadas, percebe-se que a busca e prática da ressignificação da avaliação, além do modelo tradicional – provas objetivas e escritas – mostra-se como potente ferramenta para consolidar a função reguladora da avaliação.

Dessa forma, ao refletir sobre a prática, revelam-se expoentes que precisam ser considerados no processo avaliativo, a saber, têm-se os exemplos: as individualidades dos alunos, a subjetividade avaliativa, o aporte de ferramentas pedagógicas, pontos esses que podem ser percebidos nas narrações apresentadas.

Diante do exposto, mas não encerrando aqui tais discussões, o trabalho buscou desvelar e ressignificar o processo avaliativo, utilizando-o não como ferramenta de opressão, mas como possibilidade de correção de rotas e regulação dos processos que envolvem o desenvolvimento de aprendizagens musicais dentro da educação básica.

Referências

BACKES, Dirce Stein; COLOMÉ, Juliana Silveira; ERDMANN, Rolf Herdmann; LUNARDI, Valéria Lerch. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, p. 438-442, 2011

BORNE, Leonardo; BELTRÁN, Mário Rueda. Evaluación en educación musical. Tensiones antiguas, discusiones contemporáneas. **Revista Abem**, Londrina, v. 25, n. 28, p. 123-138, jan. 2017

BORNE, Leonardo da Silveira. Más allá de la calificación. Usos de los resultados en evaluaciones de solfeo. *Revista Vórtex*, Curitiba, v.5, n.3, 2017, p.1-2.

DUARTE, Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: como os professores estão praticando a avaliação na escola. **Holos**, Natal, v. 8, n. 31, p. 53-67, 2015.

França, Cecília Cavalieri. Sentidos da avaliação diagnóstica Música na Educação Básica. Londrina, v.6, n.6, 2014.

FREITAS, Alexandre Siqueira de. Avaliar é desvendar metáforas: reflexões sobre avaliação em Educação Musical. *Revista Vórtex*, Curitiba, v.6, n.3, 2018.

FREITAS, Maria Aparecida de Oliveira; CAMPANHARO, Cassia Regina Vancini; COHRS, Cibelli Rizzo; LOPES, Maria Carolina Barbosa Teixeira; PINTOOKUNO, Meiry Fernanda; BATISTA, Ruth Ester Assayag; MORI, Satomi; ZANEI, Suely Sueko Viski; WHITAKER, Iveth Yamaguchi. Construindo instrumentos de Avaliação para prática do aluno em Cuidados intensivos/Emergências. **Est. Aval. Educ**, São Paulo, p. 716-740, set. 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GATTI, Bernardete A. O Professor e a avaliação em sala de aula. *Estudos em Avaliação Educacional*, n. 27, p. 97-113, jan./jun. 2003.

GATTI, Bernardete. Introduzindo o grupo focal. In: GATTI, Bernadeti Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber, 2005. Cap. 1e 2. p. 7-41

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e preposições. São Paulo: Cortez, 2013.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O QUE É MESMO O ATO DE AVALIAR A APRENDIZAGEM? Bahia, v. 12, fev. 2000. Disponível em: <http://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2511.pdf>. Acesso em: 22 maio 2021.



abem
Associação Brasileira
de Educação Musical

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

30 de outubro a 01 de novembro de 2024
Sobral - Ceará | Universidade Federal do Ceará



www.abem.mus.br